

## RESENHA

### **CONTRAPOSIÇÃO DA EPISTEMOLOGIA DOMINANTE: MULHERES NEGRAS E RECONFIGURAÇÃO DA IDEOLOGIA FEMINISTA**

RESENHA DE DAVIS, Angela.

*MULHER, RAÇA E CLASSE*. SÃO PAULO, BOITEMPO, 248 P.

PAULO FERNANDO SOUZA CAMPOS\*

Os estudos sobre ideologias e relações de gênero e mais recentemente a história das mulheres têm revisitado lugares classicamente destinados às mulheres negras, retirando-as das amarras que as condicionavam, sufocando-as, ao subjugarem suas experiências na construção do processo histórico. Com raríssimas exceções, não é incorreto dizer que a historiografia brasileira negligenciou a experiência histórica das mulheres negras localizando-as na subalternidade da vida cotidiana, congeladas em espaços domésticos, aviltantes, ordinários, nos quais foram significadas como menores em relação à escala de valores que as excluíam - mesmo que resistentes e donas de si.

Não desconhecida do público acadêmico e militante brasileiro a obra em resenha evoca, nomina e apresenta mulheres negras – e brancas – em movimentos de resistência e luta por direitos e respeito. Mesmo que homens existam na obra, estes são revelados no livro como coadjuvantes, pois são Elas protagonizam movimentos. O livro reconfigura paradigmas e reabilita o feminismo negro, pois fundado na luta contra a eliminação da memória negra e das mulheres negras, principais personagens da narrativa construída, cuja leitura revisita conceitos enunciados no título: mulher, raça e classe.

Ainda que os problemas lançados remontem tempo e espaço distintos do brasileiro, isto é, os Estados Unidos e a longa história abolicionista daquele país, a recente tradução para o português do livro de Angela Yvonne Davis espelha este atraso, esta lacuna e limitação nos estudos e reflexões mais amplas sobre mulheres negras no Brasil, pois mesmo que existam é preciso saber mais sobre as experiências das mulheres negras no mundo social, na causa feminista, na luta por direitos.

Militante do Panteras Negras, filiado ao Partido Comunista dos Estados Unidos, a intelectual socialista foi presa na década de 1970 acusada de envolvimento em uma ação política, parte de um processo de libertação de militantes encarcerados pelo ativismo social em torno da questão ainda premente do negro norte-americano – bem como em outras partes do mundo – na atualidade. Não por acaso em 1978 foi-lhe atribuído o Prêmio Lênin da Paz, vale dizer, a vida da autora se mescla com a feitura do livro ou como considerado na contracapa da edição brasileira por Judith Butler “o mais promissor futuro de liberdade”.

Nascida na década de 1940, na cidade de Birmingham, no estado do Alabama, estudou como Bolsista de intercâmbio no *Greenwich Village*, em Nova York, espaço social que sediou movimentos de resistência aos imperativos de políticas excludentes e discriminatórias que rechaçavam a diversidade, imprimiam o racismo e eliminavam a diferença, constituindo-se em um ponto de encontro da geração *beat*.

Graduada em Filosofia, atualmente Angela Davis é Professora universitária, militante dos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial enfrentada pelos negros, cujos alcances narrativos e ideológicos delineiam a obra considerada referência obrigatória para os estudos sobre mulheres, mulheres negras e movimento feminista – temas que não esgotam o potencial de inflexão proposto no livro, nos quais reside o global da obra, o que faz do livro um clássico.

Suas preocupações a levaram a muitos países, ora com pesquisadora, ora como ativista social. Sua trajetória e biografia se confundem com a história das mulheres negras evocadas em seu livro, que lutaram por uma vida sem violências e valer direitos da democracia, contra o jugo da exploração do capitalismo no corpo, na carne e na alma. Sua vida e obra reconhecidamente constituem marco teórico e militante de luta e produção do conhecimento em direitos humanos, dos negros, das mulheres negras, do reconhecimento da exploração no mundo capitalista. Neste bojo, o livro desvela experiências que desmontam o feminismo comumente aceito.

A contundente obra não poderia ser mais atual no que se refere às experiências reais de mulheres negras, cujo protagonismo foi severamente

silenciado, bem como aos referenciais da historiografia. Ao narrar experiências anônimas, a autora imprime os impactos destas resistências miúdas na construção de sociabilidades mais amplas e na conceptualização do real. Como em outros momentos da leitura do livro, a especificidade, o *close up*, amplia o entendimento do que a autora permite conhecer: a participação das mulheres negras no movimento comunista, na luta operária nos Estados Unidos. Ao fazê-lo, Angela Davis redimensiona o passado, ressignifica a luta negra ainda presente, contra a opressão capitalista, a fabricação de misérias e a construção de intolerâncias, desse modo, reconfigura a compreensão existente sobre o universo que evoca.

O original em inglês, *Women, Race & Class*, publicado pela editora *Randon House*, Nova York, em 1981, posteriormente, em 1983, pela editora *Vintage*, com tradução para o português de Heci Regina Candiani não é desconhecido do público brasileiro ou inaugura o debate no âmbito em que se insere. Todavia, sua publicação revigora alcances, acessos e reflexões existentes, pois avança no sentido da divulgação do conhecimento, traduz experiências anônimas pouco valorizadas, mas não inominadas ou menos engajadas e importantes, de tratam a luta de mulheres negras norte-americanas. Assim atinge o grande público lusófono e provoca debates interdisciplinares.

Nessa perspectiva, o livro pode ser avaliado como possibilidade a mais de leitura de um dos grandes episódios da história mundial: a diáspora negra, a experiência negra, as gerações de mulheres e homens sobreviventes que reconstruíram e preservaram as tradições do outro lado

do Atlântico. Reconhecê-los é também pensar a ancestralidade africana nas Américas.

A publicação pela Editora Boitempo alcança um público amplo e diversificado, pois ainda que direcionado a acadêmicos e militantes a escrita permeada por evidências de relatos quase ouvidos permite novos e outros consumos. Além do texto de abertura de Rosane Borges e do prefácio à edição brasileira de Djamila Ribeiro, intelectuais, negras, feministas, o livro apresenta 13 capítulos, nos quais a autora remonta o legado da escravidão e movimentos abolicionista e antiescravagista como precursores da emancipação das mulheres, exemplarmente, o movimento sufragista e a luta das mulheres negras por direitos civis.

O arranjo apresentado por Angela Davis segue o percurso das especificidades que redimensionam as generalidades. Nessa perspectiva apresenta cinco mulheres: Lucy Parsons, Ella Reeve Bloor, Anita Whitney, Elizabeth Gurley Flynn e Claudia Jones, ativistas negras ligadas ao movimento operário e para as quais os comunistas deram pouca atenção. O livro trata o significado cultural da emancipação para as mulheres negras, sem deixar de considerar questões como educação, movimento associativo, trabalho e comunismo, além de temas que atravessam de modo avassalador os caminhos percorridos na obra como estupro, controle de natalidade, direitos reprodutivos e racismo, de representações e recepções desses signos, dos significados atribuídos à resistência feminina, de raça e classe. Sem deixar a alma de fora,

a construção das atuações de mulheres negras no tempo a partir de fios que conectam o passado ao presente ensina a querer um mundo

melhor, contudo, a leitura permite considerações múltiplas. O alcance epistemológico da obra de Angela Davis conduz o leitor mais arguto a associações que extrapolam o tempo e o espaço analisados, não indevidamente, e nesse ponto a interdisciplinaridade inerente possibilita encontros com propósitos que consubstanciam conteúdos formativos de diversas áreas do conhecimento correlatos - ou não - ao seu campo de origem, a Filosofia.

A partir de sinais que se entrecruzam nas muitas experiências do vivido a autora apresenta a clivagem no debate feminista ao indicar como a experiência negra rompe com discursos dominantes, que negligenciam a experiência negra, na construção do movimento feminista. O conhecimento oferecido pela leitura é construído a partir de especificidades de ações engajadas, militantes, cujas tramas reconfiguram generalidades, vale dizer, ao construir uma leitura dos sinais históricos e sociais e na especificidade dos acontecimentos a autora redimensiona a ideologia dominante: as experiências de mulheres negras desmontam noções e argumentos do feminismo branco e dominante.

Desses feixes narrativos, com uma escrita militante, fundada na resistência de mulheres negras, evocadas a partir de uma vasta documentação, a autora desvela como a experiência histórica de mulheres negras na transição do trabalho escravo para o trabalho livre na oposição norte-sul dos Estados Unidos reconfigura o feminismo promovido por mulheres brancas, por assim dizer, ao evidenciar na longa história da escravidão mulheres e homens negros como “unidades produtivas”, bem como o espaço da casa como local por excelência da construção de

lastros, do amor - questões que se apresentam diferentes para a experiência de mulheres brancas, as quais encontraram nos espaços domésticos o impedimento de suas potencialidades intelectuais e de trabalho.

Mesmo que sofressem a dominação do masculino, as experiências de mulheres negras apresentam outras questões, por exemplo, a confluência da memória histórica da militância negra feminina ligada aos movimentos de organização operária como o IWW traduzido como Trabalhadores Industriais do Mundo. Elas protagonizam uma radical mudança na epistemologia dominante ao reivindicar seus direitos, denunciar violências a que eram submetidas e fazer valer a causa dos negros no mundo contemporâneo. Ao narrar as trajetórias de cinco mulheres contra a opressão sofrida no mundo capitalista, do trabalho, bem como da exploração dos corpos, da vida social mais ampla, Angela Davis refaz o passado, redimensiona epistemes, altera os sentidos atribuídos às experiências do movimento feminista com destaque para mulheres negras.

Poetisas, escritoras, operárias, militantes do Partido Comunista, as mulheres evocadas por Angela Davis não se calam diante das violências e sevícias as quais foram – e não somente elas – submetidas, ao contrário. A partir dos indícios históricos e sociais que nutrem argumentos e reflexões propostos no livro a autora remonta o cotidiano contra a opressão do capital, do racismo, do sexismo e as implicações dessas violências nas ideologias de gênero, na condição humana e no mundo capitalista.

Além desses sinais, a autora explora discursos proferidos em assembleias, encontros e reuniões de ligas, sindicatos, associações e outros movimentos políticos organizados, nos quais as mulheres negras e sobretudo essas compunham delegações com atuações decisivas, participações efetivas tanto nos Estados Unidos, quanto em outros países, o que desvela o trânsito de mulheres na política reivindicatória entre os países, ou seja, do movimento feminista no mundo.

Considerada um marco nos estudos feministas e na história das mulheres negras a obra desvela, na contramão das idiossincrasias, a solidariedade que alinhou reivindicações nas cruzadas, agremiações, sociedades, programas e campanhas fartamente apresentados no livro e nas quais “[...] mulheres negras estenderam as mãos às suas irmãs brancas.” (p. 196) na luta contra os imperativos do capitalismo. As negras não olvidaram em incluir, no rol das resistências, o que sofriam as mulheres brancas, que também lutavam contra a dinâmica perversa, opressora e mutiladora do gênero feminino. As mulheres negras, sem exclusões, não negligenciaram ou tampouco subjugaram as opressões sofridas por outros grupos.

Cabe destacar, em tempo, a direção editorial do livro. Edição, preparação, produção, capa e imagens internas tornam a publicação instigante e uma leitura prazerosa. Para além dos aspectos técnicos e não menos importante a publicação do livro constitui uma ferramenta essencial para estudiosos, militantes ou não, ou como ressaltou Djamila Ribeiro: “[...] quem pensa um novo modelo de sociedade.” (p.13).



O livro de Angela Davis compreende a urgência política do conhecimento sobre diversidade, feminismo e história das mulheres negras. Ao refazer o passado, ao reinterpretar processos e dinâmicas que destacadamente moveram a vida de cinco mulheres, a autora cria uma teoria-modelo e relembra a importante tarefa da compreensão das realidades, pois ainda que mudem, permanecem as mesmas. Assim, considerações feitas, o mérito do livro está em deslocar olhares viciados, pois ao contrapor a epistemologia dominante experiências de mulheres negras reconfiguram a ideologia feminista e redimensionam a história das mulheres.

\* Paulo Fernando Souza Campos é Doutor em História. Professor do Programa de Mestrado em Ciências Humanas. Curso de Graduação em História Universidade Santo Amaro – UNISA. ORCID: 0000-0001-8518-6921.